



UMA PROFESSORA EM CAMPO DE GUERRA: A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM SOLDADO MARIO NA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932

A TEACHER IN THE FIELD OF WAR: THE CONSTRUCTION OF THE SOLDIER MARIO CHARACTER IN THE CONSTITUTIONALIST REVOLUTION OF 1932

Ana Laura Daipré¹

RESUMO

Partindo de um movimento histórico relacionado com uma causa regional, o presente artigo visa ampliar e contribuir com as discussões envoltas da análise de um documentário nomeado de “Maria, mulher soldado” do qual faz jus à existência e participação de uma professora em campo de guerra, trazendo consigo sua contribuição, assim como o resultado dos impactos da presença feminina em campo de guerra. É de grande enriquecimento, tanto ao público que tem conhecimento sobre o movimento de 1932, como para aqueles que não tinham ciência de sua complexidade, ainda mais quando relacionado ao interior paulista, como a cidade de São João da Boa Vista. Busca-se promover uma discussão sobre a memória e presença feminina no ato, uma vez que a fonte utilizada, o documentário “Maria, a mulher soldado”, se baseia na história de Maria Stela Rosa Sguassábia e sua realidade vivida enquanto soldado Mario.

Palavras-chave: Revolução Constitucionalista de 1932. Maria Stela Rosa Sguassábia. São João da Boa Vista.

ABSTRACT

Starting from a historical movement related to a regional cause, this article aims to expand and contribute to the discussions surrounding the analysis of a documentary called "Maria, mulher soldado" (Mary, Woman Soldier), which pays tribute to the existence and participation of a teacher on the war field, bringing with it her contribution, as well as the result of the impacts of the female presence on the war field. It is of great enrichment, both to the public who know about the 1932 movement, and to those who were unaware of its complexity, especially when related to the interior of São Paulo, such as the city of São João da Boa Vista. The aim is to promote a discussion about memory and the presence of women in the act, since the source used, the documentary "Maria, a woman soldier", is based on the story of Maria Stela Rosa Sguassábia and her reality as a soldier Mario.

¹ Graduanda do 4º ano de curso de História pelo UNISAGRADO, Bauru-SP. Artigo realizado para as disciplinas de História Contemporânea e Metodologia de Pesquisa em História, sob a orientação da Profª Drª Lourdes M. C. Feitosa e do Profº Drº Roger M. M. Gomes.



Keywords: Constitutionalist Revolution of 1932. Maria Stela Rosa Sguassábia. São João da Boa Vista.

INTRODUÇÃO

Reconhecer a existência de momentos históricos ao longo do tempo é algo que se constrói desde sempre em nossa vida escolar, a qual subdivide o conhecimento em graus de ensino. Tendo isso em mente, possuímos a estrutura onde a aprendizagem é voltada para os livros didáticos, os quais seguem um padrão de matéria, ressaltando sempre os assuntos que mais aparecem em testes de conhecimento, tudo isso baseado em metodologias impostas pelos governos que possuem sempre o mesmo ideal de padronização escolar, a exemplo das Diretrizes Curriculares Nacionais formalizadas em 1996 através da lei nº 9.394, que como explicam Santos e Pereira (2016, p.283),

Elas definiram, na parte comum, os conteúdos curriculares de cada etapa e modalidade da educação básica, em termos de áreas de estudos ou disciplinas a serem trabalhadas, além de apresentarem objetivos e propósitos mais gerais da educação e de mostrarem os valores e os comportamentos a serem alcançados.

Pensando nisso e acrescentando a relevância para com a história do Brasil, a pesquisa aqui apresentada se refere à análise de um personagem nomeado como soldado Mario, representado por uma professora com nome de Maria Stela Rosa Sguassábia, reconhecida na região do município de São João da Boa Vista, que teve participação ativa no processo que conhecemos como revolução constitucionalista de 1932. Ao fazer tal recorte já nos deparamos com uma nova forma de análise histórica, rompendo a linha padronizada que sugere o estudo de uma história mais geral dos temas.

Para que isso seja ainda mais inovador, a fonte utilizada se refere a um documentário intitulado “Maria, a mulher soldado”, produzido em 2010 pelo Centro Universitário das Faculdades Associadas (UNIFAE) em parceria com a Prefeitura Municipal de São João da Boa



Vista e com a Academia de Letras de São João da Boa Vista (ALSJBV). A investigação é de Neusa Maria Soares de Menezes, pesquisadora e presidente do 7º Núcleo de Correspondência da Sociedade Veteranos de 32 – MMDC, roteirizado por Carlos Eduardo P. Sgnoretti e por Francisco A.C Arten, sendo este último o presidente da ALSJBV, o qual discorre que tal produção foi realizada no intuito de dar voz e imagem a história e participação de Maria Sguassábia, apresentado de forma honrosa à existência e contribuição da professora para o município em um período tão marcante para o Brasil num todo.

Tal obra tem duração de vinte e dois minutos e traz consigo um compilado de informações valiosas, que vão desde imagens atuais de São João da Boa Vista, na intenção de fazer uma relação direta com o passado, como é o caso da representação visual da fazenda em que Maria lecionava, assim como a utilização de trechos audiovisuais do período da revolução, retirados do acervo Tita Oliveira, localizado na mesma cidade, na tentativa de apresentar o contexto histórico trabalhado. Além disso, possui como método de exibição o uso de depoimentos de indivíduos que contribuíram ao relatar suas experiências de vida correlacionadas com a existência da professora. Aqui temos a colaboração familiar, como é o caso do neto de Maria, Henrique Bueno Marsiglia, bem como a participação das amigas, a exemplo de América O. Freitas, Neyde L. S. Corbelli e José Marcondes, esse último sendo morador da casa vizinha de Sguassábia. Como forma de ressaltar ainda mais sua existência, o documentário contou com a presença da atriz Marcella Freitas de Marín, a qual encenou os depoimentos feitos por Maria aos jornais da época, a exemplo do “O globo” e “Manchete”.

Nesse aspecto, tal pesquisa tende a utilizar também como base de análise os jornais que são citados no decorrer do documentário, sendo, nesse caso, o periódico “Manchete” publicação de 1957, disponível na hemeroteca digital Brasileira², e o jornal “O Globo” edição de 1972, onde o acesso é feito através do acervo O Globo³. Tal análise é feita no intuito de enriquecer os detalhes e assim compreender de forma ampla os processos gerados e os resultados dos mesmos. Como complementação, é visado o estudo da publicação nomeada de “1932 em São João da Boa Vista”, produzida exclusivamente pelos 80 anos do movimento constitucionalista

² <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&Pesq=sgu%c3%a1ssabia&pagfis=19018>

³ <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=sguass%C3%A1bia>



com autoria de Lucelena Maia, Neusa Maria Soares de Menezes e Francisco de Assis Carvalho Arten, esses dois últimos autores também presentes na produção do documentário aqui estudado, sendo assim de grande complementação.

Para tanto, é de grande importância destacar a utilização e análise de forma correta da fonte cinematográfica, visto ser ela uma produção carregada de visões, principalmente daqueles que a produzem, assim como a inserção de informações das quais vieram de outras pesquisas, tudo no intuito de engrandecer o material de estudo. Como afirma Barros (2011, p.181),

Com relação a estes e outros aspectos, a fonte cinematográfica, particularmente a fonte fílmica, torna-se evidentemente uma documentação imprescindível para a história cultural – uma vez que ela revela imaginários, visões de mundo, padrões de comportamento, mentalidades, sistemas de hábitos, hierarquias sociais cristalizadas em formações discursivas, e tantos outros aspectos vinculados a uma determinada sociedade historicamente localizada.

Relacionado a isso, sua utilização é recente, baseado no ocultamento que era dado sobre esse tipo de fonte, visto a existência de documentos classificados como oficiais que faziam das outras produções pouco merecimento. Porém, em meados de 1970 possuímos o início da corrente historiográfica “Nova História” dentro da escola dos Annales, a qual abre espaço para essa nova forma de análise com grandes nomes envolvidos, a exemplo de Le Goff e Marc Ferro. Entretanto, isso não faz com que não se tenha atenção no tipo de material utilizado e os métodos de investigação, principalmente por ser uma nova forma de fazer história, ou seja, é necessário um detalhamento do conteúdo que é apresentado. De acordo com Ferro (1988, p.203), “

[...] analisar o filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é o filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa.

Assim sendo, tal pesquisa tem como estrutura o aprofundamento de explicações sobre o momento histórico da revolução de 1932 e, como já citado, a análise da história de Maria Stela Rosa Sguassábia decorrente do estudo do documentário “Maria, Mulher Soldado”.

REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932: UMA HISTÓRIA MULTIFACETADA



Ao compreender que momentos históricos possuem suas especificidades, logo nos vem em mente os diversos estudos produzidos sobre eles e, com isso, as diferentes visões de mundo empregadas para que os objetivos das análises fossem alcançados. Ao dar enfoque à revolução constitucionalista, as multiplicidades de opiniões já ficam visíveis até mesmo no termo “revolução”, pois para alguns autores, a exemplo do historiador Jeziel de Paula, autor do livro “1932: Imagens construindo a História”, a terminologia ideal seria guerra civil que, como explica Ribeiro (2017, p.235),

Em função dos 85 dias de conflito, da amplitude do movimento e do alto número de mortos, De Paula acredita que a melhor terminologia para o evento seja guerra civil, em detrimento de revolução, pois este termo sempre fora utilizado na história brasileira para designar qualquer tipo de movimento armado.

Portanto, é de suma importância produzir estudos reconhecendo e identificando as interpretações de cada material, mantendo assim uma neutralidade a ser trabalhada.

Analisando o contexto vigente da década de 30 em território Brasileiro, também temos que ter a consciência da complexidade política que se sucedia desde 1929. Com isso, importante ressaltar que para melhor entendimento da situação, o retrocesso temporal é necessário, ainda mais quando falamos de Getúlio Vargas e seu governo provisório com duração de quatro anos que gerou diversas polêmicas com suas atitudes, principalmente aquelas voltadas para o fechamento de órgãos administrativos importantes, a exemplo da dissolução do congresso nacional em 1930. Acrescido a isso, temos uma intervenção do governo em ações dos estados, fazendo com que houvesse uma centralização política muito criticada pelos revolucionários dentro do governo provisório.

Os pressupostos do liberalismo fundamentavam a luta contra a intervenção do Estado na economia e na política. Com base nele, separatistas, federalistas e confederalistas combateram o centralismo e a tendência unificadora do Governo Provisório. (CAPELATO, 1981, p.57)

No processo de escolhas governamentais, teremos nomes como o do Tenente José Alberto, sendo o militar escolhido pelo presidente provisório para ser representante do estado



de São Paulo nas tomadas de decisões que fossem necessárias, deliberação essa que desagradou à burguesia paulista, principalmente pelo controle que foi dado nas mãos do Tenente, levando o popular para uma solicitação de reconstituição, visto o cancelamento da constituição de 1891. O mesmo foi visto de forma negativa por Vargas, o qual fez relação direta aos ideais vinculados ao Brasil anterior a ele. De acordo com Capelato (1981, p.8),

Getúlio Vargas definiu o levante paulista como “contra-revolucionário”, movimento reacionário que pretendia a volta à situação anterior. No Brasil nascente, esta revolta constitui a derradeira investida para a restauração da velha mentalidade oligárquica.

Adjunto a isso, eclodiram levantes em diversos locais em São Paulo, no intuito de demonstrar a insatisfação mediante as decisões tomadas. Um grande exemplo ocorreu em 23 de maio de 1932, aonde quatro estudantes, sendo eles, Mário Martins Almeida, Euclides Miragaia, Dráusio Marcondes de Sousa e Antônio Camargo de Andrade, vieram a óbito pela reação dos militares contrários a manifestação, gerando através disso o símbolo para o movimento eternizado na sigla MMDC, preconizado em imagens que divulgavam a necessidade da participação do povo paulista contra o governo de Getúlio Vargas.



Figura 1 - Cartaz convocando a população.

Fonte: Folha de S. Paulo (2013)

Como ressalta Donato (1982, p.66), “Horas depois, as iniciais dos nomes dos mortos haverão de formar a sigla da sociedade, a princípio secreta, que viria a ser forja e martelo da revolução constitucionalista: MMDC”.

Ao longo do processo histórico ocorreram diversas formas de combate que faziam ligação direta com os partidos da época, assim como a procura de apoio dos estados como Rio grande do Sul e Mato Grosso na tentativa de aumentar as chances contra São Paulo, porém sem sucesso. Os revolucionários então se baseavam nos combatentes que se inscreveram para lutar pela causa e com as colunas de batalhas que foram criadas para melhor organização dos ataques. Nesse ponto, dando enfoque para a região de análise, possuímos a coluna Romão Gomes, nome dado em referencia ao Capitão Romão Gomes que comandou as investidas contra as tropas federais e até hoje é lembrado pelos seus feitos na revolução.



[...] Considerado um dos mais aguerridos soldados na Revolução Constitucionalista de 1932. À frente da Coluna Romão Gomes, única invicta nas batalhas entre os paulistas e as tropas de Getúlio Vargas, tornou-se líder entre seus soldados e ainda hoje é reverenciado pelos paulistas. (HORTA ET AL., 2017, n.12, p.3)

Aqui temos a presença de Maria Stela Sguassábia atuando na linha de frente do confronto como soldado Mario, visto que a coluna abrangia a cidade de São João da Boa Vista, de onde os combatentes travaram diversos combates e pela efetividade a coluna recebeu o título de invencibilidade, visto não ter pedido sequer uma luta contra Getúlio Vargas.

Na divisa entre São João da Vista e Águas da Prata, sucedeu uma das mais duras batalhas. Durante seis dias e seis noites os soldados paulistas trocaram tiro com a tropa federal. Embora em minoria, em homens e em armas, os paulistas saíram vitoriosos do embate. (HORTA ET AL., 2017, n.12, p.4)

Seu reconhecimento era tanto que até mesmo companheiros de guerra, a exemplo do Coronel Homero da Silveira, faziam questão de demonstrar a admiração através de depoimentos como forma de representar o quão importante era o comando e atuação de Romão Gomes.

“Relembramos com altivez as vitórias de nossa tropa e, à frente dela, o vulto do seu grande comandante, cujo espírito continuará pelos séculos, tenho certeza, a alertar os nossos corações de patriotas a proteger o nosso amor pela terra Bandeirante e a fazer reflorir, pelo entusiasmo dos moços, o nosso Brasil esplendoroso.” Já com relação aos civis, o Coronel cita como heróis da Revolução, os professores: Maria Sguassábia e Mário dos Santos Meira. (ARTEN; MENEZES; MAIA, 2012, p.16)

Mesmo com toda a efetividade, a revolução durou aproximadamente 87 dias de combate, cessando no início de outubro de 1932, com a vitória promulgada para o lado do governo de Vargas, o que de início gerou aos combatentes a quebra de expectativas sobre os objetivos de uma nova constituição. Porém, mesmo com a conquista, no ano seguinte foi criada a Assembleia Nacional Constituinte, que resultou na constituição de 1934, e logo após, Getúlio sendo eleito como presidente e dando início ao governo constitucional, respondendo assim a parte dos anseios dos revolucionários. De acordo com Leite (1962, p.144), “A Revolução de 1932, um dos mais belos movimentos armados de todos os tempos, não conseguiu alcançar uma vitória matéria, mas acabou conseguindo o seu fim indiretamente com a constituição de 1934”. Portanto, levando toda a complexidade de tal ato histórico, é de grande valia o conhecimento a



respeito de um personagem que marcou presença ao lutar pela causa revolucionária sem medir esforços, sendo foco de nossa análise, a professora Maria Stela Sguassábia.

MARIA, MULHER SOLDADO: A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM MARIO

Ao iniciar os estudos sobre os aspectos relevantes na fonte cinematográfica, logo de início sobre a reflexão do documentário “Maria, mulher soldado”, já é possível localizar a atenção dada para que as informações possam se conectar de uma forma simples, auxiliando assim no entendimento de todo o conteúdo e transparecendo a neutralidade sobre o assunto. Com isso, o documentário introduz a locução que interliga a causa paulista com a cidade de São João da Boa Vista feita através de fotos e relatos, no intuito de justificar o foco da pesquisa e compreender a vida de Maria Sguassábia e a forma que encontrou para adentrar e eternizar na história da cidade. É perceptível o destaque dado na mudança de cotidiano e o quanto isso influenciou positiva e negativamente na vida da professora, dando brechas para localizarmos os impactos da figura feminina em campo de guerra e discuti-los. Para tanto, a fim de conhecer com clareza sua existência, o documento detalha desde o primeiro contato da revolução com a cidade e, conseqüentemente, a investida de Sguassábia para com o movimento de 1932, informação de grande valia e que é necessário para a compreensão do todo.

A compreensão de toda a movimentação se inicia através das primeiras informações geradas decorrente de uma investida, onde os soldados paulistas acabaram tendo que se concentrar na fazenda Paulicéia, território onde se localizada a escola onde Maria Sguassábia lecionava e fazia de sua habitação. Com isso, pôde presenciar pessoalmente o conflito e por conta de uma desistência de um dos soldados demonstrada através do descarte de seu armamento ao redor da escola, descobriu formas de mostrar seu apoio pela causa. Descreve a situação em um depoimento dado ao jornal O globo mediado pelo correspondente Victor Passos, onde relata: “Estávamos em fins de Julho e então me decidi. Vesti uma farda do meu irmão, consegui um fuzil que foi abandonado por um dos nossos, um desertor, e misturei-me as



tropas que embarcavam.” (O GLOBO, 1972, p.17). Assim, Maria adentrou na corporação, decisão essa que impactou totalmente sua vida dali para frente.

É possível averiguar diante o conteúdo documentado que a mesma uniu-se com a tropa que tinha como comandante o Tenente Mario dos Santos Meira, indicado por Romão Gomes para que administrasse os ataques. A partir disso, ocorreram combates dos quais Maria participou e pôde ter o seu primeiro contato tanto com a guerra quanto com o comando da corporação e, com isso, foi possível averiguar o primeiro impacto gerado pela presença feminina na corporação. Isso se deve ao fato da reação negativa do Tenente Mario ao saber da existência de Maria entre seus soldados e através disso a tentativa de seu afastamento. A professora relata,

Quando chegou perto de mim ainda tentei engrossar a voz, mas meu irmão que estava perto, foi logo dizendo para o tenente: “É minha irmã”. O tenente furioso disse que não precisava de mulheres e sim de munições, que eu tinha de voltar para casa de qualquer jeito, como eu insisti em ficar meu caso foi levado ao comandante da coluna. (O GLOBO, 1972, p.17).

Porém, ao relatar tal situação ao seu superior, Comandante Romão Gomes, a conclusão foi totalmente contrária. Gomes utilizou do ocorrido como forma de incentivar os demais na luta contra o governo.

Consulta, por seu turno, o comandante supremo dos exércitos daquele setor, o capitão Romão Gomes. A cabo de muitas horas vem a ordem: “Pode ficar. Se aguentar o repuxo, servirá de exemplo aos medrosos. Se não aguentar, pode abandonar as trincheiras quando quiser”. Maria, então, é incorporada à 4ª Companhia do 1º Batalhão Paulista da Milícia Civil, com o nome de ... Mário Sguassábia. (MANCHETE, 1957, ed.273, p.10).



Figura 2 - Maria e o irmão Antônio Sguassábia.

Fonte: Revista IstoÉ (2018)

Decisão essa que surtiu como inesperada, mas que trouxe diversos resultados positivos para a companhia. O documentário exhibe tal situação de forma clara e concisa, onde traz consigo depoimento do próprio Tenente Meira, após um combate na região de Lagoa Branca, elogiando as façanhas do soldado Mario, algo que demonstra uma mudança de comportamento a respeito sobre o mesmo.

Atacados em Lagoa branca por cerca de 1200 homens a tropa bateu-se valentemente e depois de 26 horas de combate conseguiu desbaratar o inimigo. Dona Maria Sguassábia bateu-se durante toda a luta como verdadeira espartana, sem alimentação e mesmo água para beber, manteve-se calma, sem soltar uma queixa, tornando-se alvo da admiração e estima de todos os companheiros. (MARIA, a mulher soldado. Produzido por UNIFAE. São João da Boa Vista, 2010.)

Maria, com o tempo, acabou sendo nomeada como a líder da companhia, e com isso, começa a ganhar visibilidade durante a revolução, principalmente levando em conta a bagagem de conflitos que marcou presença. Um deles sendo o embate ocorrido em Vargem Grande do Sul, região que estava sob domínio inimigo e precisava, portanto, da presença dos revolucionários. É descrito com detalhes de informações englobando até mesmo o testemunho do soldado Mario perante o desafio, ressaltando cada vez mais a dificuldade que era estar em



uma guerra. Passagem essa também comentada na obra nomeada de “1932 em São João da Boa vista”,

A primeira a ser recuperada é Vargem Grande, considerada por Maria Sguassábia como uma das mais difíceis destas batalhas: “Depois de deixarmos Lagoa Branca, fomos convocados para combate em Vargem Grande do Sul, sem que pudéssemos descansar. Caminhamos por cerca de 11 horas e enfrentamos ali um duro combate. Recuperamos a cidade enfrentando o inimigo que estava espalhado pela cidade. Combatemos de casa em casa.” (ARTEN; MENEZES; MAIA, 2012, p.60)

Através dos relatos tanto dos familiares quanto dos amigos citados no documentário, é perceptível a grande importância que a mesma dava para a situação, e o quanto isso influenciou no seu crescimento dentro das batalhas e na busca da vitória por sua pátria. Mas como todo grande reconhecimento, temos que ter consciência das causas negativas que isso pode gerar, inimigos tanto no campo de guerra quanto no meio social que podem limitar ainda mais o espaço feminino.

Partindo desse pressuposto, é notória a necessidade de dar ênfase à batalha ocorrida na região de Pedregulho, pois novamente surgem os vestígios das consequências voltadas para a presença do soldado Mario na luta. Batalha essa onde Maria e mais três soldados acabaram combatendo as tropas mineiras e não somente: Sguassábia teve o privilégio de prender o comandante de tal tropa, Arthur Noce.

O fato é relatado pelo Tenente Mário Meira: “O comandante mineiro tentou fugir e Maria Sguassábia foi atrás dele, apontando-lhe o fuzil e dando voz de prisão. Depois de preso, ele se recusou a entregar-lhe as armas. Não se conformava ter sido preso por Maria Sguassábia. Considerava uma desonra e estava disposto a morrer, mas não se render a uma mulher.

Após o episódio o comandante, indignado com tal situação, se propôs a fazer de tudo para que pudesse, de alguma forma, prejudicar a professora por essa audaciosa ação. A seguir deste fato, o documentário aborda novamente a complexidade dos conflitos e ressalta que mesmo com a coluna de Romão Gomes invicta, estavam ocorrendo diversas perdas do lado dos revolucionários, situação essa que demonstrava o início do fim.

Entre Pedregulho e Gramma, ferem-se durante 20 dias, mais de 10 combates violentos e mortíferos. Maria e seus companheiros da 4ª Cia. experimentam o que o diabo



esqueceu no inferno. Mas ninguém pensa em recuar. De modo que quando o tenente Meira chega, certa manhã, com a ordem de retroceder para Campinas, nas imediações da capital, registram-se cenas patéticas de choro e revolta. (MANCHETE, 1957, ed.274, p.16).

Com isso, o retorno a Campinas marcou os últimos suspiros da revolução no Estado de São Paulo, onde o governo de Getúlio Vargas reprimiu as linhas vistas como rebeldes e pôs fim ao movimento iniciado em julho de 1932. Porém, para Maria Sguassábia, os resultados de sua escolha só estavam começando a aparecer. Nos atos finais disponibilizados pela obra cinematográfica é reconhecido que sua dificuldade não se manteve apenas em campo de guerra. Isso porque alguns indivíduos que tiveram contato direto com ela e foram de certa forma prejudicados, não iriam deixar isso na conta da revolução.

Chegando a São João da Boa vista, logo de início, Maria recebe a notícia que de por ordens superiores, acaba de ser destituída de seu cargo como professora. Demissão essa gerada a mando do Tenente João Batista Silveira, o qual foi solicitado por Arthur Noce, comandante Mineiro que anteriormente recebera a ordem de prisão vinda do Soldado Mario.

Contudo, o sofrimento de D. Maria Estela Sguassabia ainda não terminara. Em São João, sua cabeça estava a prêmio por 20 contos de réis. Mas ninguém ganhou a recompensa porque logo depois terminava a revolução, com a derrota dos paulistas. Depois de terminada a guerra civil, o tenente Arthur Noce voltou a São João e conseguiu com prefeito local a exoneração de Dona Maria do cargo que ocupava na escola primária. (O GLOBO, 1972, p.17).

A partir disso se iniciam as dificuldades geradas por tal pedido, principalmente levando em conta que sua formação era sua única forma de sustento, precisando, por tanto, procurar meios de sobrevivência. Maria, assim, declara quais foram suas saídas para tal situação,

Durante seis meses eu consegui sobreviver costurando para um alfaiate. Felizmente, através de uma amiga de infância, que tinha conhecimento junto ao secretário de educação da época, obtive minha reintegração. Lecionei durante algum tempo e quando era governador Armando Salles Oliveira, consegui ser nomeada inspetora de alunos numa escola estadual. (O GLOBO, 1972, p.17).

Acrescido a isso, ainda teve de lutar contra a burocracia do sistema, a qual ocultava sua existência durante a revolução, mesmo tendo diversos documentos confirmando sua presença,



limitando assim, de início, sua recompensa gerada através de uma lei estadual que bonificava os indivíduos que na guerra estiveram.

Há pouco tempo, quando pleiteou a regalia do artigo 30 da constituição estadual, que concede aumento de salário aos funcionários combatentes de 32 teve de provar, exaustivamente, sua participação na luta. Ninguém queria acreditar que "uma mulher tivesse, de fato, combatido nas trincheiras". O tenente Meira veio em seu auxílio, fornecendo aos burocratas um relato do seu heroísmo. Maria foi então aumentada em mais 200 cruzeiros. (MANCHETE, 1957, ed.273, p.17).

No final, é possível identificar que o documentário trouxe consigo elementos que se intercalaram durante toda a narrativa, para que todo tipo de informação pudesse ser passado de forma completa, recebendo sua atenção especial, como é possível observar através dos depoimentos dados pelos indivíduos que tiveram Maria em algum momento existindo em suas vidas, e fizeram disso algo memorável e digno de reconhecimento. Por fim, é informado seu falecimento aos 74 anos, datado em 1973, mas isso nunca impediu que sua história continuasse sendo contada ao longo do tempo e com isso, nunca deixou de ser a heroína que São João da Boa Vista se orgulha tanto em ter.

Nas horas de incerteza, nos momentos que passamos empolgados em um ideal, são revividos na lápide da memória. Foi ontem. Tenho bem presente a audácia da investida e a grandeza da vitória. Eu, mulher soldado, tive a glória venturosa de participar da vitória. Fiz de minha fraqueza uma força, do meu peito, um escudo, e do meu coração, uma trincheira. (MARIA, a mulher soldado. Produzido por UNIFAE. São João da Boa Vista, 2010.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decorrente de toda pesquisa aqui apresentada, o intuito estrutural se voltou para a análise do documentário “Maria, Mulher Soldado” dando ênfase para a presença feminina em campo de guerra e, através disso, as consequências geradas. Disso, buscou-se averiguar a complexidade do movimento revolucionário, tentando assim compreender suas causas e, com isso, correlacionar as informações precedentes do final da revolução. Em caráter de especificidade, ao analisar a obra filmica foi possível verificar uma neutralidade na maneira que é apresentada as informações sobre a revolução adjunto da cidade de São João da Boa vista.



Isso, somando ao fato de que os materiais utilizados para repassar a mensagem se agregam ao longo da trilha, fazendo com que em nenhum momento nada fique desconexo.

Deixa claro que por mais que se tenha uma gama de informações, não faz disso uma verdade única, sendo apenas um estudo de algo maior e muito mais complexo. Aborda uma visão onde a história é feita pelo todo, ou seja, reconhece as classes sociais envolvidas e não se limita a contar os feitos somente dos indivíduos que possuem maiores reconhecimentos baseados em suas hierarquias.

Partindo para a reflexão sobre os impactos da figura feminina, objeto principal dessa pesquisa, logo de início o documentário já reconhece e demonstra que a presença de Maria Sguassábia na revolução não será em vão. Isso, em diversos aspectos: sua presença em campo aliado surpreende seus companheiros de trincheira e até mesmo seu irmão que luta ao lado até o final. Surpresa essa que após um tempo vira admiração. Para as autoridades maiores, a exemplo do comandante, ocorre uma rejeição, principalmente por se tratar de uma mulher em um contexto histórico do qual nem mesmo votar poderia, imagina guerrear. Mas a situação é revertida após demonstrar sua vontade de ali estar presente. Ao campo inimigo, a desaprovação era esperada, principalmente quando se refere à derrota advinda de uma mulher. Cria-se assim uma situação exemplar, que é levada como pensamento se alguma vez o ideal foi de desistência.

Porém, os resultados não se limitaram à atuação em trincheiras, o que faz com que Maria Sguassábia pudesse sentir na vida pessoal pós-guerra os efeitos negativos de sua atuação, considerada não apropriada para uma mulher da época, como analisado ao longo deste texto, e este é um elemento a mais para aqui destacarmos a importância de fazer o registro tanto da existência do soldado Mario como de tudo que foi conquistado através “dele”.

Por fim, num compilado de informações, a obra se encerra destacando a força da mulher. Mesmo tendo que enfrentar toda essa situação, Maria Stela Rosa Sguassábia jamais se deixou abater, de cabeça erguida perpassa pelas dificuldades e faz dela um amuleto, demonstrando sua capacidade e amor pela pátria. Mesmo após 88 anos do início da revolução, assim como diversos combatentes que fizeram passagem e marcaram assim a história do Brasil, o soldado Mario continua sendo lembrado até hoje, visto com orgulho pela população da cidade que



representa. Sua imagem eternizada na memória conta uma trajetória de dificuldades, mas que não foram suficientes para que Maria Stela Sguassábia desistisse de sua investida, e assim, fez sua presença na revolução constitucionalista de 1932.

Pagou um preço elevado por ser mulher e ter prendido um comandante das tropas inimigas. Perdeu seu emprego, mas nunca a dignidade. Desafiou os preconceitos de uma época em que a mulher não tinha nenhum direito, nem sequer ao voto e nos deixou um belíssimo legado: É nossa HEROÍNA! (MENEZES; ARTEN; MAIA, 2012, p.7)

REFERÊNCIAS

FONTE:

MARIA, mulher soldado. Produzido por: UNIFAE em parceria com a Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista e Academia de Letras de São João da Boa Vista. São João da Boa Vista, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wdTZ7vwsgc&t=336s&ab_channel=TVUNIFAE>. Acesso em: 01 jun. 2020.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPELATO, Maria Helena. O movimento de 1932: a causa paulista. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DONATO, Hernani. A Revolução de 32. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MENEZES, Neusa; ARTEN, Francisco; MAIA, Lucelena. Revolução Constitucionalista de 1932 em São João da Boa Vista. São João da Boa Vista: Academia de Letras de São João da Boa Vista, 2012.

FERREIRA, Letícia Schneider. O cinema como fonte da história: elementos para discussão. **Métis: história & cultura**, v. 8, n. 15, 2009.



MEIRELLES, William Reis. O Cinema como Fonte para o Estudo da História. **História & Ensino**, v. 8, p. 155-167, 1997.

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Tentativas de padronização do currículo e da formação de professores no Brasil. **Cadernos Cedes**, v. 36, n. 100, p. 281-300, 2016.

FERRO, MARC. O filme uma contra-análise da sociedade? In: LE Goff, J.; NORA, P. (Orgs). **História: novos objetos**. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 199-215.

LEITE, Aureliano. Causas e objetivos da Revolução de 1932. **Revista de História**, v. 25, n. 51, p. 139-146, 1962.

RIBEIRO, Felipe Castanho. A historiografia da Guerra de 1932 e a sua amplitude. **Mosaico**, v. 8, n. 12, p. 226-247, 2017.

Colocar os jornais em Fontes

O GLOBO. Rio de Janeiro: 1972. Acervo O Globo. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 16 de out. de 2020.

Jornal Manchete. Rio de Janeiro: 1957. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> . Acesso em: 10 de out. de 2020.

GIRON, Luis Antonio. São Paulo contra o Brasil. **ISTOÉ**, 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/sao-paulo-contr-o-brasil/>. Acesso em: 23 out. 2020.

Horta *et al.*, Biografia do Deputado Romão Gomes. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**. Ano III, n. 12, p.3-24, 2017.

Em 1932, morte de quatro jovens dava origem ao MMDC. **Folha de S. Paulo**, 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2013/05/1283233-em-1932-morte-de-quatro-jovens-dava-origem-ao-mm-dc.shtml>. Acesso em: 5 nov. 2020.